

# Emicida e a alegria necessária em tempos de ódio

Tatiana Salem Levy

Valor, 05.02.2021

Se temos um governo que espalha ódio e ressentimento, devemos, então, buscar formas de nos enchermos de alegria

---

Nada condiz mais com o nome deste espaço - Outros escritos - do que “AmarElo - É tudo pra ontem”, documentário da Netflix com o rapper Emicida, que anda enchendo de alegria muitas casas brasileiras neste momento em que qualquer nesga de potência criativa surge como um alento, um abraço, um empurrão, como se alguém nos sussurrasse ao ouvido: “O Brasil ainda não morreu. Nem vai morrer.”

Mesmo que o discurso oficial queira apagar nossas origens tão diversas, haverá sempre vozes para resistir à morte. “Mais do que ser famosos, esses jovens querem reescrever a história deste país”, afirma Emicida sobre os jovens das periferias que encontram no rap a manifestação contra o racismo e a desigualdade social.

O ponto de partida de Emicida o acompanha ao longo do filme, e também da vida: sua história não começa hoje; sua história não começa com o seu nascimento. Uma enorme coletividade foi vítima de uma violência extrema: a escravidão, num país que foi o último do continente americano a aboli-la. Num país que até hoje faz de tudo para dominar o corpo negro, para expulsá-lo do centro. De lá pra cá, tem sido a mesma história, a tentativa de embranquecimento de uma cultura e de enfraquecimento de culturas originais. Então, Emicida e os músicos que o acompanham surgem para ocupar um espaço ilustre: o Theatro Municipal de São Paulo. Para dizer: Isto aqui também é nosso, nós também o construímos e temos o direito de ocupá-lo.

Ocupar o Theatro Municipal é reescrever o passado, povoá-lo com vozes tantas vezes silenciadas. O que está feito, está feito, é verdade - e não podemos fazer com que a escravidão não tenha existido. Mas o ponto de vista narrativo pode mudar. “Exu matou um pássaro ontem com a pedra que só jogou hoje”, diz o ditado que Emicida repete no filme. E é isso que ele faz: reconta a história hoje para matar a dor ontem. Para os iorubanos antigos, nada é novo; tudo o que acontece agora já aconteceu antes. Ou, ainda, como diz o rapper: “É tudo pra ontem.”

São muitas as faíscas de alegria que emergem do documentário: a língua que vibra - e que a pensadora Lélia González gostava de chamar de “pretuguês”; a música do rapper, que faz a plateia se levantar tantas vezes; o samba revisitado, que nos faz cantar junto; a inteligência de Emicida, seu conhecimento histórico e cultural; os encontros que ele promove e seu fascínio pelo outro. Mas o que hoje me toca particularmente, mais do que qualquer outra coisa, é o

sentimento de comunidade. Emicida nunca aparece como uma voz que se quer única e excepcional. Nunca fala só por ele. Fala, sim, por uma comunidade - e, mais importante ainda, com ela. Quem sofre junto, resiste junto, toca tambor junto, dança junto.

É claro que essa comunhão me toca tanto agora por estarmos sofrendo as consequências de séculos de “progresso”, que, mais do que tudo, nos afastou das relações. Primeiro, paramos de nos relacionar com a terra, com os animais. Depois, deixamos de nos ver como comunidade humana, que se preza e se preserva. O conceito de nacionalidade, de pertencimento a uma nação, hoje não significa muito, sobretudo se comparado com o conceito de comunidade nas culturas africanas ou indígenas. Nestas, um zela pelo outro, só existe com o outro, pelo outro, enquanto o integrante de uma nação, um brasileiro, por exemplo, dificilmente coloca o bem da coletividade acima de tudo. Ao perdermos a conexão com o outro, perdemos o princípio de toda moral, que é fazer o bem.

Esse sentimento comunitário - que eu vejo como abraço coletivo nestes tempos em que mal podemos nos abraçar -, encontrei na leitura de “Filosofias Africanas: uma introdução” (Civilização Brasileira), de Nei Lopes e Luiz Antonio Simas. Os autores passeiam por diferentes regiões, diferentes culturas africanas, explorando suas filosofias, ou seja, suas formas de pensar, de compreender e explicar (ou não) o mundo. Cada uma tem as suas particularidades, mas de todas emerge a ideia fundamental de relação. Enquanto nas sociedades ocidentais nos destacamos por aquilo que fazemos sozinhos, por nosso mérito, uma individualidade repetidamente exaltada na nossa filosofia, nas sociedades africanas, o destaque do indivíduo se faz pelas suas relações: com os antepassados, com os membros da comunidade presente e com aqueles que virão.

“Aqueles que morreram nunca partiram”, diz um verso do poeta senegalês Birago Diop. Não partiram porque continuam em cada um que nasce. Segundo o Ifá, “um oráculo e uma espécie de ‘livro não escrito’, contendo todos os conhecimentos, sabedorias e experiências acumulados pelos iorubanos desde, pelo menos, o século V d.C.”, Obatalá moldou os seres a partir de um barro primordial. Depois de moldados, os humanos recebiam o emi, ou seja, o sopro da vida, e vinham para o Ayê. Acontece que um dia o barro acabou. Então, Olodumare, o ser supremo, determinou que depois de certo tempo na terra, “as mulheres e os homens deveriam ser desfeitos, retornando à matéria original, para que novos seres pudessem, com parte da matéria restituída, existir”. Somos feitos do barro de outros e, por isso, esquecer quem veio antes de nós significa esquecer a si próprio.

Nas diversas culturas africanas, a existência se dá pela conexão, pelo elo (“AmarElo”). Elo com a natureza e com os outros. Elo com os tempos e os espaços. “Tudo o que nós tem é nós”, canta Emicida. É no encontro com o outro que ativamos nossa força vital, outro conceito que perpassa as mais variadas comunidades. Como explicam Simas e Lopes, “o ser humano tem um relacionamento com o real fundamentado na crença em uma força vital - que reside em cada um e na coletividade; em objetos sagrados, alimentos, elementos da natureza, práticas rituais; na sacralização dos corpos pela dança, no diálogo dos corpos com o tambor - que deve ser constantemente potencializada, restituída e trocada para que não se disperse.”

A força vital caracteriza o fenômeno responsável pela vida tanto no universo visível quanto no invisível. Cada ser tem a sua própria força vital, que pode ser potencializada ou diminuída. Todo sofrimento é resultado da diminuição dessa força, fazendo com que o remédio contra os males seja o reforço da energia vital, que pode ser obtido nas relações dentro da comunidade, nos rituais, na dança. Contra a dor, as doenças, nada como afirmar a alegria, a força da vida.

Por exemplo: se temos um governo que destila fel, espalha ódio e ressentimento, apaga a diversidade, ignora uma pandemia, queima florestas, desvaloriza a ciência, devemos, então, buscar formas, não de reverter o ódio, mas de nos enchermos de alegria. Bem sei que é difícil. Somos postos à prova constantemente, e a situação mundial não tem colaborado conosco. Mas não vejo outra forma de sobrevivermos a tanta destruição.

Precisamos encher nosso pote com o Brasil saudável, forte, alegre. Com o Brasil que dá as mãos, que se ajuda, se ergue. Encher o nosso pote com Emerica, Simas, Lopes; com África e Amazônia. Encher o nosso pote com quem escreve com amor, não com ódio, acreditando que dos vestígios no asfalto nascerá a flor, como no poema de Drummond: “É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.”

**Tatiana Salem Levy, escritora e pesquisadora da Universidade Nova de Lisboa, escreve neste espaço quinzenalmente**  
**E-mail: [tatianalevy@gmail.com](mailto:tatianalevy@gmail.com)**